

ENTRE O CHAPÉU ESTRELADO E O PUNHAL o imaginário do cangaço em terras brasileiras

Enaura Quixabeira Rosa e Silva¹

Quando Lampião esteve [em Palmeira dos Índios] trazia mais de cem homens que não se escondiam na capoeira nem transitavam em veredas. Corriam pela estrada real, bem montados, [...] chapéus enfeitados de argolas e moedas, cartucheiras enormes, alpercatas [...] rifles em bandoleira, lixados, azeitados, alumando.

Graciliano Ramos, *Jornal de Alagoas*, 27 de maio de 1933.

A luta contra o poder é a da memória contra o esquecimento.

Hannah Arendt

Resumo: Este artigo tem como foco a estética do cangaço: o traje e os artefatos usados pelos cangaceiros na primeira metade do século XX. Tomando por base o conceito de mito primordial brasileiro, de Frederico Pernambucano de Mello, tenta-se explicar esse fenômeno exclusivo do nordeste brasileiro, que amalgamou a altivez do habitante do sertão com a violência, e transformou jovens sertanejos em titãs mitológicos.

Palavras-chave: Cangaço, cangaceiro; armadura mística; desejo estético.

Résumé: Cet article met l'accent sur l'esthétique du *cangaço*, les vêtements et les objets utilisés par les *cangaceiros* dans la première moitié du XXe siècle. Basé sur le concept du mythe primordial du Brésil, de Frederico Pernambucano de Mello, nous essayons d'expliquer ce phénomène unique dans le nord-est brésilien, qui a fusionné la fierté de l'habitant du *sertao* avec la violence, et a transformé les jeunes *sertanejos* en titans mythologiques.

Mots-clés: *Cangaço*; *cangaceiro*; armure mystique; désir esthétique.

Introdução

Segundo Frederico Pernambucano de Mello (2010) o cangaço, em sua raiz de insurgência nômade, grupal e autônoma é tão antigo quanto o próprio processo de colonização do Brasil. Desde 1641, havia grupos de bandoleiros formados por elementos nativos associados aos franceses e flamengos. Também se registra a existência de bandos nos fins de 1700 e em 1834 faz-se referência a homens que viviam “debaixo do cangaço”.

Por que os termos cangaço e cangaceiro? Miguel Vassalo Filho (1991) apresenta a seguinte explicação. O cangaceiro carregava, na cintura, um equipamento considerado

¹ Professora doutora pela Université Stendal Grenoble 3 e coordenadora do Núcleo de Programas de Pesquisa do Centro Universitário CESMAC. E-mail: enauraqrs@gmail.com

indispensável: uma cartucheira com munição, dois punhais, dois embornais a tiracolo com munição, um cantil, uma sacola de pano com alimentos e uma pequena bolsa de couro com moedas de valor, além do mosquetão e dois ou mais *parabelluns*² nos coldres. Tudo isso somava mais de 20 quilos e chamava-se cangaço, portanto cangaceiro era o homem que vivia sob o cangaço.

Em depoimento à autora o economista Sílvio Hermano de Bulhões esclarece que nos sertões do Brasil a palavra cangaço também significava carcaça, o que restou do animal ou ser depois de morto. Logo, cangaceiro seria aquele predestinado a morrer, a transformar-se em cangaço.

Aproximadamente, a partir de 1900, o cangaço revelou-se uma epidemia regional de insubmissão que durou quase 40 anos, suscitando a imaginação do povo que criou lendas e histórias populares. Foi um fenômeno exclusivo do sertão do Nordeste do Brasil, do Ceará à Bahia.

Mas, quem eram esses cangaceiros? Bandidos celerados ou homens corajosos tentando cumprir a lei de fazer justiça pessoal com as próprias mãos? Frederico Pernambucano de Mello (2004, p.88) afirma que “houve cangaços dentro do cangaço”. Há pelo menos três formas básicas desse fenômeno: 1) o cangaço-meio de vida; 2) o cangaço de vingança; 3) e o cangaço-refúgio. A primeira forma, frequente na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, caracteriza-se por seu sentido existencial, como modalidade profissional de vida que teve em Antônio Silvino (precursor que iniciou sua atuação em 1895 e terminou em 1914) e Virgulino Ferreira da Silva, o *Lampião*³ (atuante de 1918 a 1938), e Corisco, o *Diabo Loiro* – seus principais representantes. O segundo tipo encontra a ação guerreira totalmente voltada para o objetivo da vingança como traço definidor mais forte. Foi o cangaço nobre, das gestas fascinantes de Sinhô Pereira e Luís Padre, chefes cangaceiros do período de 1916-1922. Na terceira forma, o cangaço representa um esconderijo, espécie de abrigo nômade das caatingas para homens perseguidos.

No cangaço utilizou-se uma estratégia militar indígena (logo aprendida pelo colonizador) a chamada *guerrilha* – essa mimética e muito eficiente forma de guerra sem cerimônias ou protocolos, feita de avanços, recuos e emboscadas. Outra lição indígena importante e igualmente assimilada foi a arte de rastejar no mato os vestígios, de qualquer natureza, dos passos do inimigo. Os rastejadores, geralmente índios, mamelucos e caboclos, eram capazes de refazer todo o roteiro do inimigo, fornecendo informações adicionais, às vezes sofisticadas, como a disposição física dos integrantes

dos bandos, se estavam cansados ou descansados, leves de peso ou carregados, se levavam feridos, ou se haviam feito uso de bebidas alcoólicas.

Para compreender o cangaço e os cangaceiros é necessário lançar um olhar crítico sobre a realidade geográfica onde viveram e morreram e o contexto social em que estavam inseridos. É a vida nômade, ao ar livre e, sobretudo, ao sol do sertão que confere ao cangaceiro a peculiaridade do seu biótipo e sua singularidade antropológica e cultural.

Geograficamente, o sertão se caracteriza como a região diversa e afastada do litoral, com um clima tropical e semi-árido e uma quantidade de chuvas insuficiente. Os rios possuem pouca profundidade à exceção do São Francisco que desemboca no Atlântico entre os estados de Alagoas e Sergipe. As serras do interior de Alagoas, por exemplo, têm uma média anual de chuvas de 49 polegadas, enquanto outras zonas mais secas como Juazeiro, na Bahia, seriam felizes se atingissem a metade. A temperatura média apresenta-se bastante elevada, variando de uma mínima de 12°, nas áreas mais altas, à máxima de 38° a 40° durante a estação seca, o verão sem que se possa sentir a brisa marinha que no litoral ameniza o calor causticante. No final do século XIX e no início do século XX a seca era uma dura realidade que os camponeses e fazendeiros deviam aceitar estoicamente.

A vegetação também se mostra diversificada. Nas colinas mais elevadas o solo cobre-se de capim com árvores baixas e arbustos de folhagem permanente com cactos nas partes mais baixas. Nas regiões planas, vê-se a **caatinga**, uma vegetação retorcida, nodosa, de pequena altura, própria de uma terra quente e seca. Aí proliferam árvores de pequeno porte e uma variedade de vicejantes cactos como o mandacaru, por exemplo, que se destaca porque pode atingir aproximadamente até 6 metros de altura. A densidade da caatinga varia bastante, podendo ser escassa em algumas áreas e impenetrável em outras. Talvez, seja esta uma das razões pelas quais os primeiros colonizadores do Nordeste brasileiro não se estabeleceram de imediato nesse espaço, preferindo as zonas úmidas do litoral que lhes pareciam mais seguras.

Efetivamente, o sertão é belo e ameaçador, fascina e atemoriza ao mesmo tempo. O sertão é magia, audácia, esplendor, contraste. O perfume que exala da caatinga desde as primeiras chuvas inebria qualquer ser humano que palmilha seu território.

Ao enfatizar as características geográficas do sertão nordestino, é mister descrever a sociedade que nele se desenvolvia. Façamos um recuo no tempo para analisar alguns aspectos sociais, políticos e econômicos dessa região.

No final do século XIX, o Brasil poderia ser considerado um país semifeudal onde dominavam, nas cidades do Nordeste, as oligarquias representadas pelos **coronéis**, grandes fazendeiros, senhores de vida e de morte dentro de suas terras. Os efeitos da seca de 1877-1879 foram desastrosos. Nos primeiros anos seguintes outros fatores contribuíram para agravar a situação social, política e econômica como o isolamento da região, a queda do império e a abolição da escravatura com a conseqüente chegada do regime republicano.

O Brasil vivia uma dependência econômica dos países europeus, importando quase tudo. As ferramentas para o trabalho no campo vinham da Inglaterra e da Alemanha. O tecido para as roupas, também vinha da Inglaterra. A imitação do *modus vivendi* dos europeus prevalecia de norte a sul e, no Nordeste, os coronéis/fazendeiros possuíam casas decoradas com mármore italiano, pianos Pleyel, lustres de Murano, cristais de Baccarat e os últimos modelos de carros fabricados nos Estados Unidos. Os filhos da classe abastada brasileira estudavam na Europa. A camada mais alta da sociedade guardava em suas residências libras esterlinas, moeda utilizada para grandes transações comerciais. Toda essa dependência econômica refletia a não aceitação de uma realidade: o Nordeste deixara de ser a máquina econômica do Brasil Colônia para se tornar um problema social e econômico.

Do ponto de vista político, havia a “ditadura” dos Coronéis que governavam e aplicavam a justiça que lhes convinha. Reinava a impunidade quando os assassinatos eram autorizados por eles. A polícia era omissa e dependente do chefe político, isto é, do Coronel, do grande proprietário de terras. Isso criava um clima de revolta na população sertaneja e estimulava “guerras” entre grandes famílias.

Em regra, os habitantes dos sertões eram primitivos, bárbaros e impetuosos. Entretanto revelavam-se também servis, no sentido de dependentes, sem avaliar o seu sentido e significado. Ao mesmo tempo, essa servidão estava carregada de fidelidade, de lealdade, de honestidade, de princípios e de valores como os antigos servos do sistema feudal.

Segundo Frederico Pernambucano de Mello (2010), ao contrário, o homem do cangaço é o sertanejo subitamente desperto para a luta, um transfigurado. O endurecimento de seu corpo assemelha-se à dureza da terra. A cabeça firma-se levantada sobre ombros fortes, o olhar desassombrado não tem nenhum indício de medo. E da figura do homem simples do sertão surge um titã acobreado de aspecto dominador com força e agilidade extraordinárias. Nos seus menores gestos é possível

surpreender os traços de sobrançeria, orgulho pessoal exagerado, suscetibilidade aguda, especialmente no plano das questões de honra. O homem e a terra se confundiam nesse processo de definição de uma vivência que combinava docilidade e brutalidade.

Os cangaceiros parecem instituir-se como guerreiros investidos de um mandato antigo, ainda segundo o historiador pernambucano, como protagonistas do mito primordial arcaico brasileiro do *viver e ser feliz sem rei nem lei* a exemplo do índio sublevado, do negro quilombola e do branco insurgente em tantas revoltas contra os valores da colonização europeia. O cangaceiro irmanou-se a tais insurrectos nessa linha contínua de mais de cinco séculos. Juntos, eles se constituem os irredentos⁴ da história, os insubmissos de todas as cores e misturas, sem que a nenhuma delas se negasse participação na hierarquia de poder do bando: de um Lampião caboclo a um Corisco louro de olhos claros; de um Zé Baiano negro a um Gato índio quase puro; de moçárabes⁵ a mulatos e cafuzos.

O traje do cangaceiro é um dos exemplos desse comportamento arcaico brasileiro. Do chapéu de couro à alpercata, o traje do cangaceiro traduz imponência e ostentação. Para Clarival Valadares citado por Pernambucano de Mello (2010, p.49), ao invés de procurar a camuflagem, o disfarce, como os modernos combatentes dos exércitos da contemporaneidade, o cangaceiro enfeita-se com espelhos, moedas, metais, botões e recortes multicores, tornando-se um alvo de fácil visibilidade até na escuridão.

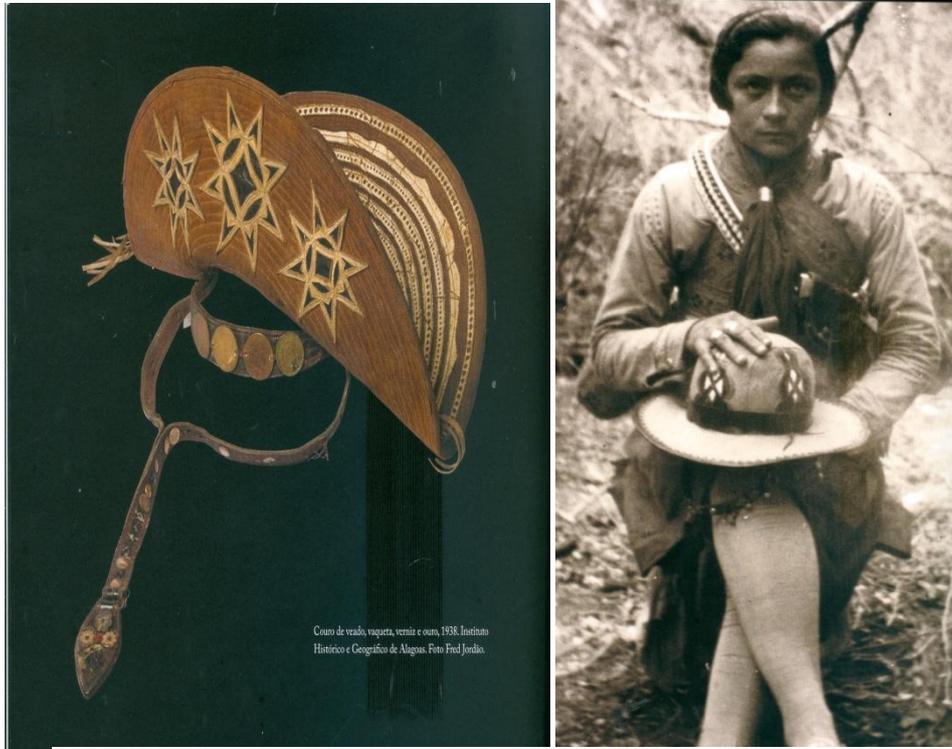
A proposta deste trabalho é estudar a indumentária do cangaço e o que ela representa como estrutura do imaginário, identificando o significado desse fenômeno tipicamente nordestino.

A estética do cangaço

A arte da indumentária do cangaço insinua de forma velada, vestida de sutilezas, associando a ancestralidade europeia de linhagem ibérica às tradições dos mundos muito antigos – afronegro e ameríndio – para ficarmos com as principais raízes. Trata-se de uma estética marcada pelo arcaísmo por onde caminham juntos a mesa e a festa, o religioso e o profano, o seráfico e o erótico, o lascivo e o sóbrio, além do embate entre o rural e o urbano, em detrimento do primeiro em extinção ou já extinto segundo alguns.

O chapéu de couro, de uso exclusivo dos homens pois as mulheres usavam um chapéu de feltro com formato diferente, e o punhal configuram expressões dessa arte popular brasileira, e estão impregnados de um simbolismo marcado esteticamente por

um sistema de significados, atitudes e valores compartilhados no tempo e no espaço, advindos do que somos: um país mestiço situado no trópico. Uma terra de múltiplas naturezas e de várias etnias em que a aceitação possível da diferença se institui como marca nacional de sua unidade.



Ultimo chapéu usado por Lampião. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Foto Fred Jordão.

Esses artefatos – chapéu de couro e punhal –, enriquecidos por outros como embornais, cartucheiras, coldres, perneiras, cantis, luvas e alpercatas impõem-se como imagens de uma arte de síntese que refletem o orgulho de ser sertanejo, isto é, habitante dos sertões. As cartucheiras carregavam a munição, os coldres permitiam levar as pistolas a tiracolo, os cantis garantiam a água para a sobrevivência, os embornais levavam víveres, remédios, ferramentas; quanto às luvas, perneiras e alpercatas protegiam o corpo dos espinhos e garantiam a sobrevivência na caatinga.



Perfeição e apuro se conjugavam na confecção de cada uma dessas peças para construir o esplendor do traje do cangaceiro, em um misto de armadura mística e desejo estético.

Dizemos armadura mística no sentido de proteção contra o mal, corpo fechado. É importante ressaltar que na visão do comportamento arcaico, o homem está ligado ao sobrenatural em nome do qual ele exerce uma missão, lidera um grupo, enfrenta desafios, porque se acredita protegido e inviolável e, de fato, depende do mesmo sobrenatural para sobreviver ao componente morte.

Para isso, os chefes cangaceiros levavam consigo saquinhos, atados ao pescoço ou costurados nas roupas, com várias orações protetoras impressas ou manuscritas. Acreditavam que o contato das orações com o corpo era suficiente para provocar um efeito protetor. Também era comum a prática de orações como o Ofício de Nossa Senhora e o Credo no interior dos grupos de cangaceiros. Lampião portou até a morte um crucifixo de ouro que roubara da Baronesa de Água Branca em 26 de junho de 1922 em famoso assalto que realizou.



O desejo estético de se enfeitar, de tornar-se belo revela-se em outras peças de ouro como anéis para os homens e brincos, broches e dedais para as mulheres. Todavia o chapéu de couro constitui o ponto de concentração simbólica do traje do cangaceiro, uma espécie de coroa de um rei sem trono. Como expressão de arte, ele tem vida própria devendo ser apreciado no conjunto dos elementos que o compõem. Os ornamentos do chapéu de couro, como por exemplo, a estrela de oito pontas (que possui duas estrelas a mais que a bíblica tradicional), simboliza os mil raios da macambira, essa bromélia temível, com espinhos de ida e volta nas hastes longas de ouriço, uma aliada imemorial contra todo invasor.

Os bordados coloridos dos demais artefatos eram feitos por artesãos amigos ou por alguns cangaceiros, como Lampião, que riscava os modelos no papel, ia para a máquina de costura e bordava os jogos de embornais com que presenteava seus afilhados. Era uma honraria receber estes ornamentos do próprio chefe do cangaço.

Esse desejo estético estendia-se até mesmo aos artefatos bélicos como os punhais que surpreendiam pelo tamanho (83 ou 75 cm), pela riqueza material (com ornamentos em prata, marfim e ônix) e pela sedução sinistra de seu desenho que rivaliza com seus similares usados no Oriente. O punhal assemelha-se ao cetro do rei, simboliza a posse do poder, o comando, a autoridade. Eram confeccionados em oficinas semelhantes às corporações de ofício medievais, envolvendo a família sertaneja no convívio pedagógico entre mestres e aprendizes. O trabalho artístico se concentrava no cabo do punhal com uso de marfim, prata e ouro.



O uso prático do punhal impunha-se por razões estratégicas: agia silenciosamente sem alertar o inimigo e permitia economizar munição. Entretanto o punhal destinava-se ao cumprimento do rito letal nordestino do **sangramento**. Dois tipos de mortes rituais fincaram raízes profundas na cultura brasileira: a degola gaúcha (sul do Brasil) e o sangramento nordestino. O punhal, portanto, servia a missões letais silenciosas e frias.

Como foi citado anteriormente, inúmeros foram os cangaceiros. Mas, na tentativa de apresentar uma amostra autêntica do cangaço envolvendo o homem sertanejo alagoano, selecionamos um nome significativo Cristino Gomes da Silva Cleto, apelidado de Corisco, que nasceu em 1907, na localidade de Matinha de Água Branca, no Estado de Alagoas, filho de Manuel Gomes da Silva e de Firmina Cleto.



Foto cedida por Silvio Hermano de Bulhões

Corisco era conhecido por sua beleza, seu porte físico atlético e os cabelos longos deixavam-no com uma aparência agradável, motivos pelos quais foi apelidado de *Diabo Louro* quando entrou no bando de Lampião. Possuía boa estatura, ombros largos, pele alva e cabelos louros. Além desses atributos, era dotado de grande força física e de coragem extraordinária. Em 1924, foi convocado pelo Exército Brasileiro para cumprir o serviço militar. Envolveu-se em uma rebelião fracassada, desertou dois anos depois. Assim, em 1926, aos 19 anos decidiu aliar-se ao bando de Lampião.

Sérgia Maria da Conceição, mais conhecida como Dadá, nasceu em 25 de abril de 1915, em Belém de São Francisco, sertão de Pernambuco, onde viveu seus primeiros anos de vida e teve algum contato com índios. Era morena, tinha cabelos pretos e 1,70 m de altura. A família mudou-se para a Bahia.

Dadá, cabocla bonita, esbelta, conheceu o homem da sua vida de forma violenta, em meio à caatinga árida aos doze anos quando foi raptada por Corisco. Consta que seu defloramento provocou-lhe tanta hemorragia que por pouco não faleceu. A relação, que começara instintiva, transformou-se com o tempo. A vida nômade, seguindo o companheiro, que era o segundo homem na hierarquia do bando, a chegada dos filhos, fez com que mais que uma amante Dadá se tornasse a companheira de Corisco, com quem ainda no meio das lutas veio a se casar no religioso. Ele ensinou Dadá a ler, escrever e usar armas e permaneceu com ela até no dia de sua morte. Tiveram sete filhos, quatro morreram e apenas três sobreviveram porque foram ocultamente entregues a pessoas confiáveis como o Padre Bulhões de Santana do Ipanema e a família Medeiros de Poço das Trincheiras para serem criados. Mesmo distantes Dadá e Corisco acompanhavam por correspondência a vida dos filhos. Se o marido era temido como um dos mais violentos cangaceiros, consta que muitas pessoas tiveram sua vida poupada graças à intervenção de sua companheira.

De 1921 a 1934, Lampião dividiu seu bando como forma de defesa em vários subgrupos, dentre os quais os chefiados por Corisco, Moita Brava, Português, Moreno, Labareda, Baiano, José Sereno e Mariano. Para o rei do cangaço, entretanto, o de Corisco sempre foi o bando mais importante de todos.

Lampião e seus comparsas resistiram quase vinte anos, brigando com civis que os perseguiram e com as volantes⁶ de vários Estados. Durante esse tempo, os cangaceiros assaltaram propriedades, atacaram povoados, vilas e cidades, roubaram, pilharam, torturaram e mataram seus adversários, além de conviver com intensos tiroteios e

emboscadas para fugir da polícia. Nesse contexto, um acontecimento importante veio mudar, para sempre, a história do cangaço.

Era a madrugada de 28 de julho de 1938, e os cangaceiros dormiam em suas barracas. Eles estavam acampados na fazenda Angicos, no sertão de Sergipe. De repente, os soldados da volante surgiram, portando metralhadoras portáteis. Chegaram bem devagar e atacaram o bando. Das trinta e quatro pessoas presentes, onze foram degoladas ali mesmo entre elas Lampião e Maria Bonita. Os sobreviventes fugiram ou se entregaram à polícia. Corisco e Dadá foram poupados do massacre, pois se encontravam bem longe dali, na fazenda Emendada, localizada em Alagoas.

Cinco dias após o ocorrido, Corisco empreendeu feroz vingança. Invadiu a casa do coiteiro José Ventura Domingos, seguiu a Lei do Talião “olho por olho, dente por dente”. Pensava estar vingando o culpado, pois fora induzido por João Almeida Santos (vulgo Joca Bernardo), o verdadeiro traidor, a acreditar nisso.

Dessa forma, certo de estar vingando o bando de Lampião, que fora completamente dizimado, ele matou o dono da casa, a esposa e os filhos. Atendendo às súplicas de Dadá, o Diabo Loiro deixou vivos uma mulher e seus três filhos pequenos, justificando: “Alguém tem que viver para contar a história.” Após a chacina, degolou os cadáveres, colocou suas cabeças dentro de um saco de estopa e enviou-as ao tenente João Bezerra.

Em relação ao *Diabo Loiro*, um aspecto importante precisa ser ressaltado: o que lhe sobrava, em termos de beleza, lhe faltava em diplomacia e habilidade para negociar. Tinha posições definidas e os coronéis – dentre os quais se encontravam os grandes fornecedores de armas para Lampião – não o viam com bons olhos. Tudo isso contribuiu para o enfraquecimento do cangaço. Como continuar a luta sem o apoio bélico dos coronéis?

Diante de tal contexto, o cangaço definhava. Só conseguiu resistir mais dois anos. As forças policiais de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia uniram-se na perseguição aos cangaceiros, sem contar a disparidade de armamentos. As volantes tinham uma arma que os cangaceiros nunca conseguiram obter: a metralhadora.

Em outubro de 1939, durante um duro combate contra três volantes, na fazenda Lagoa da Serra, em Sergipe, Corisco foi ferido e nunca mais se recuperou: ficou com a mão direita paralisada e o braço esquerdo atrofiado, perdendo a capacidade para atirar com mosquetão, *mauser*, modelo 1908, usado pelo Exército nacional. A partir desse dia,

Dadá se tornou a primeira e única mulher no cangaço a utilizar um fuzil, a tomar parte ativa, e não meramente defensiva, nas lutas do cangaço.

Em 1940, o governo Vargas promulgou uma lei concedendo anistia aos cangaceiros que se rendessem. A Justiça oferecia uma atenuante de pena àqueles bandidos que, de forma espontânea, se rendessem. Se tal medida representava, para uns, a chance de abandonarem, definitivamente, a vida do crime, para Corisco a rendição era algo inadmissível.

No início de 1940, Corisco dissolveu o bando. Apenas na companhia de Dadá, de Rio Branco e da mulher dele partiu para o sul da Bahia, à procura de um refúgio seguro. Iniciou, então, uma longa jornada pelo sertão. Seguiu, então, um ritual de negação de sua vida de cangaceiro. Cortou os longos cabelos, aboliu o chapéu e as roupas do cangaço e, com todo o ouro que juntara durante todos aqueles anos e uma quantia vultosa em dinheiro, planejou ter uma vida diferente. Despir-se do traje de cangaceiro representou o desejo de mudança de vida como também a vontade de escapar da morte.

Em 25 de maio de 1940, Corisco e Dadá caíram em uma armadilha da volante comandada pelo tenente José Osório de Farias, o José Rufino, em Brotas de Macaúbas, na Bahia. Corisco foi atingido por uma rajada de metralhadora. Conseguiu sobreviver algumas horas. Nesse mesmo conflito, Dadá foi atingida na perna e, não obstante ter passado por várias intervenções cirúrgicas, precisou amputá-la. Quem conhece os fatos históricos sabe que, no derradeiro conflito, ao ser atingido mortalmente pelos projéteis, o *Diabo Loiro* gritou, apenas: “Maiores são os poderes de Deus!”. O último líder do cangaço morreu no dia 26 de maio, sendo enterrado em Jeremoabo, na Bahia.

Dias depois, violaram a sepultura, exumaram o corpo, e deceparam sua cabeça e seu braço direito. Qual a razão de tal gesto? Na ocasião, alegou-se que os cientistas necessitavam estudar os restos mortais do cangaceiro. Nesse sentido, estes foram medidos, pesados, estudados, mas nenhuma deformidade física ou mental foi descoberta. Assim, os restos ficaram expostos à visitação pública por mais de trinta anos, no Museu Nina Rodrigues, em Salvador, ao lado das cabeças de Lampião, Maria Bonita e outros cangaceiros.

Dadá, colocada em condições infectas, na prisão, teve o ferimento agravado para uma gangrena, que resultou na amputação quase total da perna. Por essa situação, o célebre rábula baiano Cosme de Farias, representou Dadá na Justiça, pleiteando sua libertação, em 1942.

Dadá passou a viver em Salvador, casou-se e reconstruiu sua vida. Reencontrou os filhos e lutou para que a legislação que assegura o respeito aos mortos fosse cumprida. Durante anos a fio, ela e o economista Silvio Hermano de Bulhões – seu filho e de Corisco – empenharam-se junto às autoridades governamentais, solicitando que a macabra exibição pública fosse interrompida, e que as partes expostas de Corisco (bem como as dos outros membros do bando) pudessem ter um enterro digno. Um passo importante surgiu com o Projeto de Lei nº 2.867, de 24 de maio de 1965, que estabeleceu um ponto final para aquela exposição macabra. Mas, apesar da existência do Projeto, o enterro ainda demorou vários anos para ser concretizado. Só a 6 de fevereiro de 1969, no governo Luiz Viana Filho, foi que os restos mortais dos cangaceiros puderam ser inumados definitivamente, tendo, porém, o museu feito moldes para expor, em substituição.

Por sua luta e representatividade feminina, Dadá foi, na década de 80, homenageada pela Câmara Municipal de Salvador. Na Bahia, que tivera Glauber Rocha e tantos outros a representar o cangaço nas artes, Dadá era a última prova viva a testemunhar o cotidiano de lutas, dificuldades e, também, de alegrias e divertimentos. Deu muitas entrevistas, demonstrando sua inteligência e desenvoltura. Morreu, na capital baiana, em fevereiro de 1994.

A morte de Lampião enfraqueceu o cangaço nordestino e a de Corisco determinou sua extinção.

Considerações finais

Fornecendo ao banditismo um nome típico de sabor regional, um tipo de homem destinado à aventura, um espaço físico favorável à ocultação, coberto por uma vegetação quase impenetrável, e uma cultura muito receptiva à violência, o sertão estava vocacionado a ser o palco principal do cangaço.

O sonho do cangaceiro não tinha desenho social nem preocupação com o futuro. Ânسيا de liberdade, sim. A liberdade ancestral, a tapuia, a negra, depois mesmo a branca e, sobretudo, a mestiça. O nó da mestiçagem revela traços dessa simbologia. Mestiçagem como marca da brasilidade. O contorno da brasilidade como totalidade fraturada, dilaceração, se revela em sua plenitude no fogo do confronto.

No tratamento do conteúdo, as contradições entre litoral e sertão, algo mais que categorias geográficas, comportam, antes de tudo, simbologias do humano. Habitando

um meio físico cinzento e pobre, o cangaceiro vestiu-se de cor e de riqueza. Satisfez seu anseio de arte e ao mesmo tempo de conforto místico, dando vazão aos motivos profundos do imaginário arcaico brasileiro. E viveu sem rei e sem lei em nossos dias, depois de atravessar cinco séculos de história. Foi o último a fazê-lo com muito orgulho, cor e festa. Barrocamente.

Nesta ousadia e neste paradoxo, concluo com um texto/imagem literária na voz do romancista Ariano Suassuna: o cangaceiro criou seu próprio “Reino varrido a cada instante pelo sopro sangrento do infortúnio, dos amores desventurados, poéticos e sensuais, e, ao mesmo tempo, pelo riso violento e desbandeirado, pelo pipocar dos rifles estralando guerras,...”.

E acrescento: nessa trajetória verifica-se que o real está intrinsecamente amalgamado pelo mítico. Os cangaceiros não eram homens santos como os beatos, mas grandes homens vestidos de sol e couro, armados de punhais, vencendo mil batalhas, morrendo jovens e transformando-se em mito.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BECKER, Udo. **Dicionário de Símbolos**. Trad. Edwino Royer. São Paulo: Paullus, 1999.
- BEZERRA E SILVA. **Lampião e suas façanhas**. 3 ed. Ampliada e melhorada. Maceió: Sergasa, 1981.
- CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião: o rei dos cangaceiros**. Trad. Sarita Linhares Barsted. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de Símbolos**. Trad. Rubens Eduardo F. Frias. São Paulo: Moraes, 1984.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. **Quem foi Lampião**. Recife; Zurich: Stahl, 1993.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo: A Girafa, 2004.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. **Estrelas de couro: a estética do cangaço**. São Paulo: Escrituras, 2010.
- NARBER, Gregg. **Entre a cruz e a espada: violência e misticismo no Brasil rural**. Trad. Paulo Roberto Leite Salgado e Eduardo Soares de Freitas. São Paulo: Terceiro Nome, 2003.
- OLIVEIRA, Aglae Lima de. **Lampião, cangaço e Nordeste**. Recife: Edições O Cruzeiro, 1970.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Os cangaceiros – Les bandits d’honneur brésiliens**. Paris: Julliard, 1968.
- SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (Org.). **Dicionário das mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- SOARES, Paulo Gil. **Vida, paixão e morte de Corisco, o Diabo Louro**. Porto Alegre: L&PM, 1984.

SOUZA, Ilda Ribeiro de (Sila). **Angicos: eu sobrevivi**. Confissões de uma guerreira do cangaço. São Paulo: Oficina Cultural Mônica Buonfiglio, 1997 (Série grandes mulheres).

VASSALO FILHO, Miguel. **Lampião, um homem, uma época**. Maceió: FUNTED/MISA, 1991 (Coleção História-Costumes).

Créditos fotográficos:

Fred Jordão

Benjamin Abrahão

Valentino Fialdini

José Varjão de Souza

Coleções:

Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas – IHGAL

Historiador Frederico Pernambucano de Mello

Notas:

² Apelido surgido inicialmente para a pistola Luger P08, uma das mais famosas, surgida no mercado de armas, de autoria de George Luger.

³ Bezerra da Silva, em seu livro *Lampião e suas façanhas*, narra que esse epíteto originou-se de um fato ocorrido em um combate à noite quando o rifle de Virgulino expelia balas ininterruptas que produziam o clarão de uma tocha seu irmão Antônio Ferreira gritou: “ – Olha, Levino! O rifle de Virgulino virou lampião!”

⁴ Termo cunhado por Frederico Pernambucano de Mello.

⁵ Cristãos portugueses de famílias que conviveram com árabes durante a ocupação islâmica e que assimilaram aspectos culturais dessa civilização.

⁶ Nome dado aos grupos de policiais militares e civis que perseguiram os cangaceiros.